

## MODA, ARQUITETURA E MULHERES: sustentabilidade x opressão

**Aline Ebert<sup>1</sup>**

Em qual esquina, ponte ou prédio da cidade a moda encontra a arquitetura? Em todos os lugares. Está lá em cada lançamento de tecido, cor do ano ou tendência em pisos e coberturas. No look mais recente da novela, na mansão mais descolada da última celebridade. Na modelagem, nas formas da nova estação.

A moda vazia, sem qualidade e procedência, assim como as tendências em arquitetura e decoração lançadas no último salão internacional são do mesmo modo opressões por novidades desnecessárias que os nossos corpos femininos sentem e tantas vezes se obrigam a compactuar como forma de pertencer a um grupo de amigos, a exigências de trabalho, privilegiando o olhar alheio mais do que o nosso próprio. Também de uma real obsolescência programada que nos incentiva a um consumismo exacerbado, ansioso e insustentável.

Nessa corrida por mais e mais lançamentos de moda, o uso de agrotóxicos e transgênicos no cultivo de matérias-primas muitas vezes nem é citado; de produtos para o corpo com químicas pesadas, sequer cogitado. Com a exploração e descarte precipitado de materiais finitos; uso demasiado de água para tingimento de tecidos ou lavagem de denim (jeans), essas tantas empresas bem sucedidas não buscam uma relação ética com o que produzem, criando e matando tendências rapidamente, com auxílio de marketing e feiras especializadas.

Se antes nos considerávamos os *senhores da natureza*, que explorávamos o meio natural de acordo com nossas necessidades, voltamos a nos entender (ao menos nas reflexões da sociologia) como parte e dependentes desse meio.

Não existe como pararmos de prejudicar o meio com a forma que vivemos, mas em várias situações, assim como num consumo mais sustentável de moda e de uma nova arquitetura, que desejam desacelerar a produção de roupas, mobiliário e matérias-primas novas, aumentando a vida útil do que já foi produzido.

Conhecer para preservar, avaliando natureza (fauna e flora), mas também comunidades locais, bens imateriais. Esse fato pode ser observado desde a devastação de uma floresta, a transposição de um rio, construções em locais de risco ou a forma desenfreada que as pessoas criam e consomem coisas desnecessárias.

Reconhecer e se empenhar nessas causas faz parte de um novo tipo de revolução de paradigma, no qual o triângulo da sustentabilidade seja uma realidade. Este triângulo é uma analogia para descrever o equilíbrio entre o economicamente viável, o socialmente justo e o ecologicamente correto, pilares do consumo sustentável. Para o bem do meio ambiente, do ser humano, com igualdade de direitos por parte das mulheres e dos animais.

<sup>1</sup> Jornalista de moda entre 2002-2012 e empreendedora sustentável de 2013-atual. Sócia do Brechó Nina Garimpa e co-produtora Mercado Vintage Porto Alegre, B-Moda Satolep e eira Vegana Pelotas.



Editorial de moda sustentável *Virada Minimal* para o Mercado Vintage, feira de brechós de época. O minimalismo na moda e na arquitetura. Dezembro de 2015. Foto: Nany Festa/divulgação.

